

## ENTREVISTA COM GUIA INTERNACIONAL SOBRE ACESSIBILIDADE EM TRANSPORTES TURÍSTICOS

Benny Klein<sup>1</sup>  
Fabíola Araújo<sup>2</sup>  
Miguel Klein<sup>3</sup>

**Resumo:** A entrevista que aqui tem lugar parte da experiência de um guia internacional à frente de um *tour* com onze PCDs. O guia turístico internacional entrevistado, israelense naturalizado brasileiro, guiou onze cadeirantes e fala sobre a experiência que vem permitindo a recriação de um nicho no turismo brasileiro: de um passeio turístico exclusivo para PCDs, nasce todo um universo que conspira a favor.

**Palavras-chave:** PCD, deficiente, turismo, Brasil.

**Abstract:** The interview that comes to light in this paper talks about an experience from an international tourist guide from Israel and Brazil with eleven wheelchair users. The interview is about the experience of the creation of a new place in Brazilian tourism: from a touristic tour with only Wheelchair users is born one universe that conspires favorably.

**Keywords:** Wheelchair user, Disabled Person, tourism, Brazil.

ENTREVISTADO: Benny Klein

ENTREVISTADORA: Fabíola Araújo

ASSISTENTE: Miguel Shanty Klein.

Entrevista realizada em 09 de maio de 2024.

FMA: Minha primeira pergunta é sobre os passeios turísticos que você fez com PCDs. Qual a rota que vocês fizeram? Por onde passaram?

---

<sup>1</sup> Fabíola Menezes de Araújo. Professora e pesquisadora. Graduada e e mestrado em Filosofia pela UERJ, doutorado em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, realizando Pós-doutorado com a pesquisa: De vítimas a protagonistas. E-mail: [confabulando@gmail.com](mailto:confabulando@gmail.com)

<sup>2</sup> Benny Klein. Guia turístico internacional. De ascendência paterna e materna brasileiras, Neto de imigrantes europeus, seus avós escolheram o Brasil como terra pátria, mas os seus filhos retornaram a Israel, onde nasceu Benny. Nas palavras deste guia, trata-se aqui da narração de um começo. A partir de um passeio turístico de 2023, o guia em questão passou a refletir sobre a experiência relatada nesta entrevista: Predominantemente voltado para o público PCDs, esse passeio surgiu a partir de um grupo de onze deficientes físicos com seus cinco acompanhantes. O *tour* foi projetado a partir da solicitação de uma Organização Não Governamental (ONG) chamada *Will to Wheel*, de Israel, que faz turismo para PCDs há doze anos, levando grupos de PCDs para muitos países. Não foram requisitados intérpretes de hebraico porque o guia Benny Klein é israelense, então a sua língua materna é hebraico. Desde quando esse guia começou a se dedicar ao turismo, em 2003, portanto, há 21 anos ele tem, em média, um a dois deficientes físicos (DEF), por ano, nos grupos que guia. Esses DEFs, em geral, vêm acompanhados de suas famílias e/ou amigos. O diferencial da experiência de 2023 foi trabalhar, como guia internacional, com PCDs, tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto em outras cidades turísticas brasileiras, a saber, Recife e Foz do Iguaçu. [bnklein@gmail.com](mailto:bnklein@gmail.com) ; @riodaytrip. Canal Rio Day Trip no YouTube <<https://youtube.com/@riodaytrip7909?si=ddQZO1AVo31-U1xw>>

<sup>3</sup> Miguel Shanty Klein. Graduando em Neurociências – PUC- Rio. [shantymiguel@gmail.com](mailto:shantymiguel@gmail.com) .

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

BK: Há dois anos busquei um novo nicho no turismo. Apareceu a ideia de um passeio turístico exclusivo para PCDs. Logo, o universo conspirou a favor, e surgiu um grupo de onze deficientes físicos com cinco acompanhantes. Quem pediu para organizar esse *tour* foi uma Organização Não Governamental (ONG), a *Will to Wheel*, de Israel, que faz turismo para PCDs há cerca de doze anos. Essa ONG leva grupos de PCDs para muitos países. Não precisamos de intérpretes porque eu sou israelense, então a minha língua materna é hebraico. A *Will to Wheel* tem um projeto social maravilhoso, que partiu da doação de cadeiras de rodas e de equipamentos hospitalares para comunidades com essas necessidades. Atualmente, faço três rotas diferentes. Eu já recebi alguns grupos, e para os todos dias já temos um *tour* específico para PCDs.

BK: Inclusive, foi antes de pensar nesses *tours*, que eu tive contato com essa associação internacional chamada *Will to Wheel*, fundada por Oren Shaibi e por Jawad Massaoua, que é voltada para apoiar PCDs. Trata-se de uma ONG, uma organização sem fins lucrativos, que começou ajudando, de início, os PCDs sobretudo de Israel. Eles ficaram fortes sobretudo na época do Covid (2020-2022). Ajudaram também pessoas ‘não PCDs’, principalmente doando comida, transporte e equipamento médico para quem mais precisava. As pessoas que não podiam chegar ao hospital eram levadas por eles. Essa ONG é muito, muito incrível. Essa ONG admirável começou há uns doze anos também a fazer viagens com/para PCDs. Eles estão atualmente levando PCDs para mais de dez países, principalmente na Europa, na África e na Ásia. A primeira vez que a *Will to Wheel* veio para a América do Sul foi quando eles vieram para o Brasil. Em geral, esse não é um continente tão considerado para passeios turísticos. Isso por ser pouco acessível, e as pessoas no mundo já interessadas neste nicho irem em busca de rotas já adaptadas para PCDs. Na Ásia, na África, e, principalmente, na Europa, já há *tours* destinados a PCDs. Na África e no Brasil, a *Will to Wheel* são os pioneiros e atores, em grande escala, de grupos de PCDs, que já têm projetos incríveis na África. Agora, pela primeira vez, chegaram ao Brasil, e, há dois anos, me pediram para produzir um *tour* voltado para PCDs. Desta vez, eu produzi um roteiro, e, em seguida, os grupos vieram. Produzimos três roteiros diferentes. No primeiro *tour* fomos para três lugares diferentes: Foz do Iguaçu, Rio de Janeiro e Amazônia, tudo isso em dezenove (19) dias; no segundo *tour* adicionamos Recife, e Olinda. Esse segundo *tour* terminou durando vinte e quatro (24) dias. O terceiro *tour* foi um *tour* ‘de Carnaval’. Nesse último, fomos para lugares e tempos os mais diferentes. Vamos dizer que esse Carnaval de rodas foi bem diferente, mais famoso, e/ou com mais destaque. Foram considerados quatro ‘tipos de Carnaval’: o Carnaval do Rio de Janeiro,

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

o de Salvador, o da Amazônia, e o de Recife, Olinda. Levando em conta cada Carnaval, fizemos em quinze (15) dias, começando forte já no Pré-Carnaval, e mais uns dias depois do Carnaval ‘oficial’ (de quatro dias), quando ficamos no Rio, que também foi bom. No Pós-Carnaval teve ainda o desfile das campeãs, que, na verdade, são três dias depois do Carnaval, e que determina, oficialmente, o final do Carnaval. Então, eu me programei para visitarmos o melhor e o mais diversificado Carnaval do Brasil. Essa foi a expressão que eu busquei com ‘o mais diversificado’ Carnaval possível.

FMA: Que máximo. Achei incrível. Deixe-me lhe perguntar: os cadeirantes gostaram? Eles “suportaram” por todo esse tempo o pré-Carnaval, o Carnaval, e também o pós-Carnaval cariocas?

BK: Eu vou te falar, eles não apenas suportaram como adoraram. O Carnaval é para eles! O nosso Carnaval é até mais fácil, ou acessível, para PCDs do que para uma pessoa não PCD. Isso porque uma pessoa assim ‘pula’ o Carnaval, ou você ‘dança’ o Carnaval, ou você ‘anda de um bloco para outro bloco’. Os PCDs ‘rodam o Carnaval’, isto é, eles ficam sentados o dia todo. Nesse sentido, na verdade, eles aguentam viver muito mais horas no Carnaval do que uma pessoa que simplesmente anda e pula. Além disso, a maior parte dos PCDs vem com uma cadeira elétrica. Todos eles têm condição financeira para obter uma cadeira elétrica, então todos normalmente já vem com uma. Eles não querem descansar, entende? Em um grupo de onze (11) PCDs, tinha apenas um cara com cadeira manual, e isso porque ele não queria a elétrica. Esse cadeirante específico era do tipo *bodybuilder*, ele tinha o ombro duas vezes maior do que o meu. Então, ele queria viver *para* se empurrar. Ou seja, ele queria estar treinando o dia todo. Eles aguentam tudo mais do que nós também por causa dessa questão.

FMA: Então, a minha pergunta é outra: Como você fez para aguentar o pique deles?

BK: Eu me cuido, além disso, eu estou acostumado. A maioria tem, em média, de 50 anos pra cima. Assim eu também sou o mais jovem do grupo. É por isso que eu aguento de boa. Agora, estamos conversando sobre a possibilidade de ter um *tour* só para jovens PCDs. Especialmente agora, já que durante a guerra teve muita gente de Israel que perdeu a perna, ou que perdeu a mão, ou até que virou tetraplégico. E esses jovens, depois do exército, costumam vir fazer ‘a viagem da América do Sul’, e vão, às vezes, também para outros lugares. Para os PCDs jovens fará falta poder fazer esse tipo de viagem. Imagina, todos os

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

seus amigos “não PCDs” vão para um lugar, e você não poder ir? Então nós queremos ajudar esses jovens fazendo esse *tour* voltado para PCDs jovens. Amigos fazem bem, então já tive jovens não PCDs me pedindo para propor o mesmo roteiro para os demais jovens com a mesma adrenalina, e, ainda assim, sendo um *tour* propício para levar jovens PCDs.

FMA: Genial essa proposta. Parabéns pela iniciativa.

BK: Grato.

FMA: Diria mesmo que essas experiências turísticas podem ajudar na superação de experiências traumáticas de guerra. Segundo a leitura especializada, no pós-traumático haveria a tendência de imperar um ‘esquivamento da ordem traumático’; inclusive, o traumatizado pode se tornar agressivo (ARAUJO, 2013) no ato de evitar o real. Mesmo no neurótico o esquivamento do encontro com o real [e] tornar-se-ia, nítido. (Idem, 2012, p. 50). Poder tratar essas experiências a partir do turismo me parece uma proposta bem inteligente. Você acha mesmo que os passeios turísticos podem ajudar na superação de dores pós-traumáticas?

BK: Eu acho que sim. Eu acho que já há estudos que vão no sentido de confirmar isso. Uma certeza eu tenho: de que o turismo causa um relaxamento e que o ato de conhecer pode proporcionar um grande enriquecimento espiritual. O novo agora é se sentir vivo. O trabalho comunitário faz bem para todos, então, com certeza, também é uma terapia para as pessoas chamadas “provisoriamente normais”; como somos chamados, nós, pelos PCDs. É bom para o PCD, mas também para todos que venham a passar, ou tenham passado por situações pós-traumáticas. Suponho que já tenham estudos que confirmem isso. Eu não saberia, agora, citá-los, mas, se pesquisarmos, será fácil encontrá-los.

FMA: E você pensa em fazer também, em específico, ‘favela *tour*’ com PCDs?

BK: Claro.

FMA: Quais são as principais limitações que um cadeirante teria em uma favela *tour*?

BK: Claro, tem a limitação de ter de subir, e de descer escadas. Depois dessa limitação ser

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

resolvida, também tem a limitação de não se poder andar nas ruas principais dentro de um carro. Se não andamos na pista do carro, imagina um ‘bonde de cadeirante’, que pega todo um lado de uma pista, ou de uma rua. Entende? Na favela, nas comunidades, se vê isso de muito longe. Às vezes, passeamos aqui no meio da rua, e, até em Copacabana, na Zona Sul, tem muitas ruas muito mal estruturadas, com muitos buracos. Aqui no Rio, estamos muito mal preparados, na verdade, para PCDs. Isto é, até na Zona Sul do Rio de Janeiro, que é a área mais nobre da cidade, a cidade está muito mal preparada para receber os cadeirantes, estamos pecando muito dentro do que a lei federal define como obrigação do Estado. E isso não é uma responsabilidade dos municípios, ou das cidades, ou até dos negócios? Há muitas lojas, muitos negócios que não são acessíveis, sabe? Muita sorveteira que nem imagina criança, ou adulto, cadeirante como um possível cliente. Um(a) cadeirante, no Rio, sozinho(a), que queira ir a um restaurante, ou tomar um sorvete, ele(a) não consegue. Ele(a) tem que ter alguém o(a) levantando para poder entrar, sabe? É uma coisa que eu, depois de trabalhar com cadeirantes por dois anos, vejo da seguinte forma: assim como um cego não gosta que você pegue nele, tem essas coisas com PCDs. Um cego não gosta que você o guie, ele prefere que você ponha o braço para ele pegar você. Os PCDs não gostam que ninguém levante eles como eles fossem bebês, sabe? Eles gostam de chegar, e de entrar sozinhos nos lugares. Se eles merecem ter essa facilidade, que é muito simples, é preciso providenciar pequenas transformações na cidade. É simples ter uma rampa que pode custar 200 reais, ou um cimentado, que pode custar 50 reais, sabe? Para facilitar a entrada nos lugares, apenas isso pode ser suficiente. Isso quando não tem uma, ou umas escadas, ou degraus. Na maioria dos casos, é só um degrau que tem que se construir para se resolver o problema, isto é, para poderem os PCDs acessarem o lugar. Agora, há outros lugares onde você fica realmente surpreso com a falta de preparação do lugar para receber cadeirantes. Eu fiquei muito surpreso, na primeira vez em que eles vieram para o Brasil. Eu descobri muitos restaurantes chiques, hotéis chiques, em lugares, assim, nobres, que tem muito dinheiro, e que poderia investir e preparar uma infraestrutura básica, sem acessibilidade. Fiquei surpreso porque, antes, eu nunca olhava isso. E aí, de repente, você se dá conta de que os cadeirantes do Rio de Janeiro, e do Brasil, não vivem em igualdade, sabe? Nada de igualdade para eles em vários outros lugares também, sabemos.

FMA: Você poderia apresentar outras dificuldades que precisam ser superadas para tornar nosso país um lugar menos hostil para PCDs?

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

BK: Eu penso que a principal superação necessária, se você pensar, aqui, você não vê PCDs nas ruas, eles não vão na rua porque eles não têm como andar sozinhos. A única urgência é essa. Há a hipótese de você ver o cadeirante, e alguém empurrando-o, e, neste caso, são os dois que não estão bem. O acompanhante sofrendo junto com o PCD que queria estar independente, e o PCD que fica caindo nos buracos, e sentindo mal com isso. E aí você não vê lixo, então primeiro tem que resolver isso, aí, depois, você pode falar um monte de coisa, por exemplo: Do acesso aos negócios, aos parques. E isso nem só para cadeirantes, mas também, como eu, pai de bebê, aqui não tem nenhum parque perto que eu possa ir ficar tranquilo com o meu bebê. Está tudo cheio de ponta afiada e de metais largados, cheio de ferrugem, e buraco, lama e cocô. Afinal, como você vai deixar seu filho se divertir no meio de um parque desses? Sabe, tem muita coisa para resolver, não apenas para o PCD em geral. Eu acho que a primeira coisa que seria bom seria aplicar a lei federal, para que os cadeirantes tenham a capacidade de andar pela rua. É o direito de ir e vir. Está no mais básico da Constituição Brasileira.

FMA: E quanto às outras cidades: nelas você viu esse mesmo cenário, e mesmo obstáculos que precisam ser superados aqui?

BK: Com certeza. Nas grandes cidades, Salvador, Recife, Olinda, Manaus, Iguaçu, todo lugar em que chegamos era assim, mas têm uns lugares um pouco melhores. Vamos dizer, em Iguaçu, no Parque das Cataratas do Iguaçu, Parque Nacional do Iguaçu, é tudo acessível. O parque está de parabéns. Aqui no Rio de Janeiro, o Cristo se diz acessível. Mas, no Cristo, você tem que subir uma escada rolante com o cadeirante. Isso é extremamente perigoso. Eles (no Cristo) consideram o *tour*, até lá, acessível. Eles, inclusive, põem no *site* que é acessível. Eu não poria, sabe? Eles deveriam colocar um elevador, ou uma rampa. Lá, você tem que, para subir, colocar o cadeirante na escada rolante. E o degrau é bem alto. A pessoa fica deitada com a cabeça para cima, praticamente. A pessoa se sente mal. Isso porque tem uma pessoa por trás dela, segurando aquele peso, todo cheio de medo, sabe? O PCD, às vezes, pesa 100 kg, e tem cadeirante com 120 kg. Aí, eu com 67kg, tendo que segurar uma pessoa com medo. É isso. No Rio de Janeiro está faltando acessibilidade até nos lugares que se dizem os mais acessíveis, como o Pão de Açúcar. Lá tem acessibilidade com elevador, mas, no elevador, só entra um cadeirante por vez. Como eles andam devagar, eu acho que demora uns bons minutos pra subir, e outros bons minutos para descer, sabe? Aí você está com onze (11) cadeirantes. Consomem-se quarenta e cinco (45) minutos para cada pessoa, e você fica lá pelo menos duas horas só para passar o primeiro degrau. Entende? Tem um elevador para apenas

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

um cadeirante que vai muito devagar, e todos ficam esperando, e você dá tchauzinho para cada um.

FMA

Agora, deixa eu te perguntar com relação às vitórias, você acha que os cadeirantes que passaram por todos esses obstáculos, conseguiram se sentir vitoriosos?

BK

Bem, na verdade, depois da primeira visita ao Cristo, os coordenadores do grupo falaram, Beni, Cristo, não fazemos mais. Não faremos mais os cadeirantes passarem por isso. É muito demorado, muito arriscado, e constrangedor. Trata-se de um sentimento ruim. Mas, então, o que decidimos fazer? Pegar um helicóptero, e fazer um passeio de helicóptero de meia hora que passa em cima do Cristo, e você pode chegar bem pertinho, e a galera de cadeirantes vibra muito mais. É isso, o Cristo realmente está há muitos anos com problema de acessibilidade, e eu vejo falta de importância sendo dada pelos que cuidam do Cristo com relação aos turistas, e também aos guias. Bem, eu, como guia, eu vejo como eles têm muito dinheiro para investir, e melhorar a estrutura. Como guia, já fizemos várias reclamações, pedidos de melhoria. Mas, você sabe, como é o Rio de Janeiro, 40°, meio-dia. Às vezes, a fila é de uma (1) hora, nesse sol, e você está em uma altura de 700 m. E não tem nenhuma sombra. E estamos há muitos anos pedindo sombra e não tem nenhuma, nem uma tendinha, sabe, alguma coisa para tapar o sol? Ajudaria muito uma tenda. O turista fica uma (1) hora na fila. Ajudaria ter uma sombra, e fazer um atendimento mais ágil. Infelizmente não há nada de sombra, sabe? Há pouco tempo atrás, chegou uma empresa, colocou lá uma grana, botaram uma sombra para uma parte da área de espera, nem 50% da fila. Ainda está a maioria dos turistas no sol. E os turistas chegando do mundo todo. Em média, são 6 700 pessoas por dia, pagando de 60 a 120 reais. Dependendo, se for no fim de semana, ou no dia de semana, cada pessoa pagando isso, imagina só, são milhões e milhões de reais, e não se põe nenhuma sombra? Você se lembra que tem pessoas que sobem a pé na mesma pista que as vans? As vans passam, e não tem nenhuma contenção, não tem nenhuma área de pedestre, ou de bicicleta. As bicicletas e os pedestres são todos desrespeitados dentro dessa pista única onde se sobe para o Corcovado. Para a lei federal que assegura os direitos de todos eles não parecem ligar. Isso em sendo que eles próprios um órgão federal, é um absurdo.

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

FMA: Um grande problema isso. Conte agora sobre as experiências que você acha que os cadeirantes mais gostaram de passar.

BK: Com certeza, na Amazônia e no Carnaval eles viveram os melhores dias aqui no Brasil. Fomos na Amazônia três vezes, e eu consegui para o próximo *tour*, pela primeira vez da história do turismo brasileiro, hotéis dentro da floresta, os chamados *Lodge*. Antes, acredito que não havia nenhum *lodge* acessível para cadeirantes. Eu, conversando com o dono de um *Lodge amazônico*, explicando do turismo com os cadeirantes, mostrando a ele como vale a pena, e como também é fácil criar acessibilidade, expus as oportunidades. Não é nada complicado. É um investimento pequeno, você só tem que saber onde colocar uma rampa, e seguradores ou corrimões nos banheiros. Os padrões internacionais, que ajudam qualquer tipo de cadeirantes de qualquer país, de qualquer tamanho, de qualquer sexo, podem ser seguidos com base em alguns poucos pedaços de metais. Corrimões que ajudam os PCDs a se apoiarem em alguns lugares no banheiro, e tal. Isso além dos espaços que tem que ter para poder girar dentro do banheiro com a cadeira. É muito simples, sabe, uma rampinha na entrada, e pronto. E também é preciso que o quarto fique sem, obviamente, nenhuma escada dentro. É um simples: um investimento mínimo para você começar a ter um movimento de vinda dos PCDs para o Brasil. É muita gente que não consegue viajar para o Brasil, e que, por isso, vão para outros lugares do mundo. Isso o dono do *Lodge* que eu contactei entendeu. Ele falou “eu vou fazer”, e aí agora ele vai adaptar quatro quartos do *lodge* no meio da floresta, que tem uma estrutura já maravilhosa, né? Virou um *lodge* preparado para um turista internacional, né? Já tem um ar-condicionado no quarto, e já tem uma cama confortável, água quente, um bom restaurante, tudo de bom. Sabe, só faltava fazer umas rampinhas, colocar uns corrimões que ajudam a apoiar, e etcetera; só isso. Então, agora nós trazendo esses grupos, nós vamos estar, na verdade, abrindo várias novas rotas e criando espaço, oportunidades. É uma ideia nova, voltada para um público internacional de PCDs. Tudo isso a partir do conceito de ser o Brasil um país acessível, entende? Estávamos fazendo um trabalho muito bom assim. Eu fico realmente honrado que eles chegaram até mim. E honrado também com a compreensão de poder ser um canal que pode trazer o conhecimento deles, isto é, dos PCDs. É que eles têm muita experiência, e fizeram isso em vários países. Então é só isso. Eu estou contente de ser um canal, para que eles tragam conhecimento. Tudo pode funcionar porque temos leis, eles conhecem as leis internacionais, eles conhecem as Nações Unidas, tudo sobre PCDs. Além disso, todos eles têm tudo. Trata-se de uma irmandade. E se chegarem em um lugar, começarem a falar com uma pessoa, eu já vi isso, falam assim: “olha só, a gente é

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

‘internacional’”, isto é, trata-se de uma organização internacional. Então, um cadeirante apenas se torna porta-voz de todos os demais, ordenando: “-- Façam isso, e aquilo”. Se a pessoa exigida falar “não”, ela poderá ouvir ameaças. Então, sob as ameaças dos cadeirantes fazerem valer a lei, o exigido muda de postura, isto é, se transforma, e decide fazer o que precisa ser feito em termos de lei. Isto é, o empresário(a) exigido busca tornar o seu lugar um lugar acessível para cadeirantes. Então, os cadeirantes começam a falar bem da pessoa, isto é, começam a elogiar e a colocar ele (a pessoa transformada), assim, “para cima”. Se ele falar, não, eu não quero fazer valer a lei, os cadeirantes acabam com a reputação da pessoa em questão, e isto quer dizer, denunciam-no nas mídias, e, eventualmente, até na polícia. Eles sabem realmente falar com autoridade, sabe? Assim: “Eu sou um Autoridade Internacional, e eu vou obrigar você a cumprir a lei. Eu conheço a lei, eu te processo, e aí você vai ter que pagar.” Aí, a pessoa se liga. Eu fiquei muito surpreso com isso. Com o modo como eles chegam, sabe, é “do nada”, e dão uma carteirada, como se diz, na gíria carioca.

FMA: Muito interessante: essa consciência do direito é a essência da libertação.

BK: E da cooperação também! Porque é só a pessoa querer cooperar, que ela vai se dar bem. A cooperação é boa para todos. No Brasil havia mais cooperação, mas o Brasil mudou. A mentalidade do capitalismo selvagem, o que ela ensina até nas escolas? A competir, competir e competir. O capitalismo institui: pegue para você, e só. Você enquanto ego, ego, ego. Já a parada dos cadeirantes é muito diferente. Eles fazem doações em mais de dez países que estão recebendo todos os anos contêineres de doações, com equipamento hospitalar, cadeiras de rodas, próteses e várias, várias outras coisas. Então, eles vêm, e são capazes de despertar, assim, um poder que é mesmo bonito, onde você vê a filantropia. Isso também é uma coisa que eu fui entendendo neste último ano (2023-2024). Existe, digamos, a seguinte hierarquia dentro da sociedade: Você começa como trabalhador, aí você muda, se transforma, e vira talvez um dono de negócio. Aí, se você faz sucesso, você vai abrir uma franquias, vai abrir mais um outro negócio, vai ter, por exemplo, dez negócios, e vai virar um consultor de negócios. O dia em que você não precisar mais trabalhar, alguém trabalha para você, e um dia você vira filantropo. Entendeu? A filantropia é, então, quando você se transforma no ‘topo da cadeia alimentar da economia’. O senso-comum olha para os cadeirantes, e fala, caraca, essa galera que traz realmente equipamento, valores muito, muito valiosos, e muito equipamento. Eles trazem um contêiner de equipamento, e todos ficam surpresos. Eu fui lá em Israel, visitei

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

os depósitos deles, os galpões deles e posso dizer: é incrível. É muita, muita coisa que eles doam, é incrível mesmo.

FMA: Você acha que podemos falar em uma ‘ética do cadeirante’? Por exemplo, você fala da cooperação, do valor, da troca, de solidariedade, não é? Isso que a ONG de cadeirantes de Israel presta com relação aos outros países. É essa, como falamos, uma ética, uma forma de fazer a coisa certa.

BK: Então é isso. Isso que eu queria dizer, e mesmo entender melhor. É, em geral, a ideia da moral, da ética, dos valores, esse ‘querer ajudar os outros’. Ela é muito, muito, muito forte na consciência de um judeu, ou de um israelense, sabe? Uma coisa que trabalhamos milenarmente dentro do nosso dia a dia, da nossa cultura, na reza, na conversa, e também no ato, né? É, em geral, através dos exemplos. Cada jovem, quando ele entra no sistema escolar de Israel, e faz quinze anos, levando em conta o tipo de colégio, digamos, vai se preparando para a faculdade, dos quinze até os dezoito anos de idade, não se prepara tanto para a faculdade porque ainda vai para o exército, e isso por três anos. Assim, dos quinze aos dezoito anos, você está naquela parte final da escola, e, durante três anos, você tem que prestar serviço para a sociedade. ‘Serviço social’ pode ser ajudando velhos; por exemplo, fazendo compras para eles, levando-os para passear, pode ser ajudando, sei lá, pessoas carentes, por exemplo, cuidando de seus filhos, cuidando de pessoas, enfim. Perceber-se cuidando de bebês em uma instituição, ou de qualquer outro ser é maravilhoso. E tem muito serviço social, onde todos os jovens são obrigados a se perceber cuidando em Israel. Para receber o diploma de final de escola, você tem que fazer. E são trinta horas mensais, ou tipo 6 ou 8 horas por semana. Eles também vão trabalhar nessa associação, dos PCDs onde eles têm os galpões cheio de material, e precisam de pessoas para fazer a manutenção. É isso que eles fazem. Eles pegam o material que é descartado por um hospital, ou pelo governo, porque o governo paga muito do material hospitalar novo, e todas as cadeiras de roda de Israel. O governo paga para quem não tem dinheiro, e ele, o Estado, troca todas as cadeiras, a cada três anos, e são cadeiras novinhas. E a ONG *Will to Wheel* vai e dá uma lubrificada aqui, ou troca uma peça ali. Ficou feia a cadeira? Eles pintam, e fica tudo novo, parecendo de fábrica, novinho, novinho. E chega na pessoa que precisa. Doação novinha. É isso que eles fazem. Então essa ideia de moralidade, dos valores, da assistência social, e tudo mais, está enraizada no nosso povo, há milhões de anos, milenarmente. Já o PCD eu acho que é mais ainda que com uma pessoa normal quando se trata de perceber mais ainda, imagina, você tem deficiência, e

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

empatia. Você passou por aquilo, você vive a mesma condição, você vê alguém assim, você quer ajudar. Então, é claro, eles fazem essa campanha toda para ajudar os PCDs ao redor do mundo. O lance deles é ajudar PCDs, mas eu já vi eles ajudando muitos pessoas não-PCDs, não é como na campanha de COVID que eles até hoje fazem: eles entregam comida para qualquer pessoa carente e também aqui no Brasil, até como turista em geral recebemos pedidos de ajuda, chega uma pessoa morador de rua ou precisando ajuda, e aquelas pessoas que chegam lá, eu tenho filhos em casa e tenho aquela questão, eles veem um grupo de turistas, reconhecem que é um grupo de estrangeiros, e pedem ajuda.

FMA: Um grupo de ricos?

BK: É: mais hábil financeiramente, digamos. E há moradores de rua que chegam, e pedem, e como eu sou o tradutor, tento atender a essas demandas também. Por exemplo, um dia, na Lapa, uma mulher chegou sem dente nenhum para pedir ajuda ao grupo que eu guiava. Nesse grupo, devia ter entre cinquenta, e sessenta pessoas. A pedinte chegou falando o seguinte: “— gente, eu estou assim há anos, eu não consigo arrumar minha arcada dentária. Eu queria pedir, por favor, é caro, eu sei que é caro. É 1400, 00 reais BRL. Se puderem me ajudar, me ajudem.” Não sei o que fizeram, juntaram o equivalente a 1213,00 reais, quinze pessoas. Naquele momento, eu não me lembro exato o valor. Sei que chegou aquela pessoa sem dentes, na Lapa, e até hoje ela está em contato comigo. Até hoje ela me liga para falar: “-- E aí, como é que eles estão (os turistas que a ajudaram)? Sei que Israel está já em guerra, e eu fiquei tão preocupada, e eles me ajudaram tanto, e não sei o quê.”. E, na verdade, ela nunca consertou os dentes. Ela me ligou duas semanas depois, e falou, meu filho, você não sabe: “— Eu tive problemas, eu não consegui consertar o dente. Eu tive que resolver outras pendências, você, por favor, fala para eles, fala para eles que eu peço perdão.” E, sabe, é uma pessoa que ficou comprometida comigo, sabe? Ela me liga de vez em quando, e é muito bonito, sabe? Eu me sinto bem, realmente, com a missão de trazer esses filantropos, e ajudar o máximo possível.

FMA: Muito bem! Então, o sonho de fazer do mundo um mundo melhor, de podermos, todos juntos, realizar o sonho de pessoas cadeirantes: o sonho de conhecer novos países vai se tornando realidade. Façamos com que eles possam realizar esse sonho, isto é, de construir um mundo melhor.

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

BK: Claro. E repito: o cara que começou esse movimento, essa associação, esses passeios e tal, é um cara incrível. Um teve um acidente militar. Por causa de uma mina, ele perdeu metade do cérebro. Perdeu metade do cérebro, mas essa metade foi reconstruída. Ele falou: — “Eu vi Deus, eu já sei, para quê a gente está aqui, essa é a minha missão.” Ele ficou em coma por dois anos. Quando ele acordou do coma, ficou cinco anos para conseguir andar em uma cadeira de rodas. E aí, na cadeira de rodas, foi treinando para se levantar. Hoje ele anda com uma bengala, mas ainda usa bastante a cadeira de rodas, porque em pé ele cansa muito rápido. Então ele virou um missionário.

FMA: Qual é o nome dele mesmo?

BK: Oren Shaibi.

FMA: Ótimo. Fantástico. Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

BK: Sim: estamos procurando mais pessoas para somar a esse projeto. Bem, é somar todas as pessoas com qualquer projeto, digamos, quem deseja ajudar a humanidade em geral. E quem apenas queira entrar em contato também. Você pode adicionar o seu contato neste projeto pois tem muito o que fazer. O Brasil é gigante, e existem, no Brasil, pelo que eu pesquisei, mais de dez milhões de cadeirantes registrados, sendo que chegamos em muitos lugares que tinham pessoas necessitadas, cadeirantes sem cadeiras, e existe também a lei federal dizendo que há pessoas cadeirantes para passar por um processo, e ganhar uma cadeira de rodas. Só que essa informação não chega a quem mais precisa. Eles não sabem *como* fazer o processo, muitos deles nem têm internet, sabe? Então é isso: para as pessoas ficarem mais ligadas nas pessoas necessitadas de rua também é preciso que nós, não - cadeirantes, possamos atuar mais ativamente. Na falta do conhecimento sobre como se daria o cumprimento da lei, precisamos chamar mais atenção para poder tornar acessível, de verdade, tudo o que a sociedade produz, para que qualquer um possa ter seu sonho realizado. Eu só comecei nessa missão quando eu tive um grupo de cadeirantes, mas quem quer ajudar os cadeirantes? A princípio, para desenvolver esse conhecimento bastaria você andar na rua, ver onde falta acessibilidade, e denunciar. “— Alô, tem buraco na rua, ok?” A partir disso, começar a fazer manifestações, chamar outras associações, como a de moradores, ou qualquer órgão que possa ajudar, simplesmente, a acertar as ruas e calçadas. Isto já que é uma coisa absurda também: no Rio, essas obras infinitas que não ajudam a quem mais precisa. Desde que eu cheguei no Brasil, há

## DOSSIÊ TURISMO ACESSÍVEL

20 anos, o Brasil está em obras, sabe? “Peço que terminem logo essa obra. Fala Sério. É preciso se fazer uma revolução para se conseguir se libertar de buracos de rua. Mas você paga um IPVA caríssimo, e você fica furando o pneu, quebrando o carro, a suspensão, por causa desses buracos, sabe? Falta de cuidado com o povo, mesmo para quem tem, no Rio, uma das cidades mais maravilhosas. É isso. É isso que eu quero adicionar”.

FMA: Fantástico. Eu agradeço muito, suas palavras são necessárias. É urgente que possam ser ouvidas e que possamos todos superar os obstáculos que impedem que cadeirantes acessem lugares de bem-estar. São belíssimas até as críticas, que, eu tenho certeza, serão ouvidas com muito carinho pelo leitor desta entrevista. Eu quero, mais uma vez, lhe agradecer muito pelo seu tempo, e por sua dedicação, e te parabenizar, pela sua incrível excelência no trabalho. Vamos deixar os seus contatos aqui para poderem te encontrar.

BK: Gratidão!

FMA: Agradecemos ao guia internacional entrevistado por compartilhar suas experiências conosco nesta entrevista. Suas recomendações certamente serão exploradas por leitores ávidos por novidades no turismo! Esperamos que suas considerações inspirem não só a leitura e a diversidade, mas também a reflexão sobre questões sociais e históricas relevantes para a nossa sociedade.

## Referências

- ARAÚJO, Fabíola Menezes. 2012. A recepção do pensamento de Martin Heidegger por parte da psicanálise de Jacques Lacan - o inconsciente como manifestação do ser. Tese de Doutorado, UFRJ, 2012. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/30/teses/794918.pdf>>. Acesso em 13 de julho de 2024.
- \_\_\_\_\_. O Lugar da Agressividade na Educação a partir da Perspectiva Lacaniana. *Dialectus*. n. 2, p. 131-145, 2013. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/FABOLD>>. Acesso em 13 de julho de 2024.